PERDER OU GANHAR É DESPORTO

Por João Paulo Rodrigues

A Ética assume-se na nossa vida como um código de conduta que, de certa forma, nos possibilita discernir o bem do mal ou, se quisermos, um comportamento correto de um incorreto.

Ao considerar que o princípio ético, como projeto de vida, deverá assentar numa matriz orientadora, de acordo com a qual o homem regula o seu comportamento, sublinho que o código de Ética, particularmente no desporto, se deve basear em atributos próprios, consagrados no seu *fair play*, seja ele de caráter recreativo ou de alta competição.

O 'saber perder e respeitar os adversários' faz parte de uma componente fundamental da ética desportiva. Assim, no decurso da sua prática, esta deve relevar o respeito pelas regras, bem como pelo nosso oponente. Ao não o fazermos, não só corremos o risco de perder o respeito por nós próprios, como também de (in)diretamente contribuirmos para situações de falsidade desportiva, ao nível da viciação de resultados, violência (tanto física como verbal), corrupção, *doping*, que, no limite, revelarão a nossa faceta intelectual.

Nesta linha de pensamento, será legítimo assumir a verdade desportiva como o resultado de uma cultura de excelência, que reflita e enobreça as sociedades que a fomentam.

Com efeito, o recurso a práticas antidesportivas representa o oposto dos valores promovidos pelo desporto, para além de estas serem puníveis por lei. A título de exemplo, refira-se o recurso a substâncias dopantes, designadamente no desporto de alta competição, ao transformar o atleta num objeto que se usa e manipula, como se de uma máquina se tratasse, pouco importando as consequências para a sua saúde, sobretudo a dependência psicológica que estas causam, bem como os seus efeitos ao nível físico. Infelizmente, um processo, na maior parte dos casos, irreversível.

Numa área em que mais do que competir é vital ganhar, pois tal significará o reconhecimento do grande público, a consequente assinatura de contratos fabulosos e o encaixe de verbas astronómicas (impensáveis de outra forma), o atleta vê-se na contingência de a tudo recorrer, para ultrapassar os limites do potencial humano.

Considero, por isso, que o espírito desportista se manifeste, por um lado, no respeito pelas regras e regulamentos e, por outro, numa atitude permanente de superação, pela participação salutar não só com o outro, mas também, contra o outro, e contra si próprio, sem que, no final desta «contenda», vença a imoralidade do homem.